

Meu caro Dr. Câmara Reis:

É triste disê-lo, mas na velha casa da Seara entraram os ratos. Uns começaram por lhe comer o grão macio, outros roeram-lhe as traves, e agora, para cúmulo do desprante, põem-se a bater o fandango nas tábuas esburacadas do soalho. Uma santa pândega. O Dr. Câmara Reis, gato velho e decludido, já sem grandes apetites nem ralô, talvez quebrado ou esquecido dos instintos, contempla com olho gozoso e complacente o descarada ratazão que lhe brinca nas barbas. Alguns são ratos manhosos e já pelados, mas como ^{há} não respeito nem temor tudo se atreve, minha gente. Sei que o meu bom Amigo mostrou sempre uma irônica e secreta simpatia por estas danças tanto do seu agrado, uma simpatia tôda francesa, que já o Anatole usava em segunda mão, legitimamente herdada do grande Voltaire e dos salões literários mais pinocas do século XVIII, mas que nos tempos duros e sérios que vamos vivendo e nesta atmosfera escura, parece um pouco forçada, artificial, e causa por vezes certa pontinha de enjôo e mal-estar. Creio que uma ou outra vez, por amizade e camaradagem, já se têm atrevido a dizer-lhe. A coisa, no entanto, não é motivo para grande alarme -- nem o ^{ver a} gosto da dança, nem o prazer que os bichos põem em a bailar. Tudo na vida tem os seus dias contados, e verdade seja que a nossa Seara envelheceu assustadoramente. Não parece a mesma. Daí ser inevitável, entre outras, a praga dos ratos. Paciência, e vamos lá que para satisfação da nossa prosápia bem nos chege o passado. Poucas instituições de cultura o terão tão honroso e brilhante. Para nós ficará sempre a lembrança da velha casa do Proença, do Cortesão, do Sérgio, do Azevedo Gomes e do Câmara Reis -- a antiga salinha de sacada da Universidade Livre, no segundo andar da Praça de Camões, onde nas tardes de inverno o Raúl Brandão vinha sempre, com a camisola de pescador e a capinha do Hamlet, como dizia o Aquilino, gozar a sua réstea de sol

doirado, e nunca saía sem ouvir o chilrear brejeiro da pardalada que se junta ao anoitecer nas árvores grandes do passeio. Uma carta ou o original de um livro de Teixeira-Gomes, ou de qualquer dos outros amigos ausentes, era um alvôrogo. Depois vieram os rapazes, os da minha criação, e, apesar de tudo, aquillo tinha o seu encanto. Agora, perdoe-me que lhe diga, tornou-se ~~tudo~~ uma ilusão, um fantasma que o Dr. Câmara Reys arrasta penosamente. As coisas cheiram a ruína e a saudade. O meu Amigo sabe como são sinceras estas palavras. Na minha idade, já acontece a gente voltar-se para trás e verificar que foi deixando em cada amor um pedaço do coração. E olhe que sinto verdadeiro orgulho nestes sentimentos, embora não queiram crer.

Há muito já, no entanto, habituei-me a entrar na velha casa cuidando donde punha os pés. As tábuas rangem por toda a parte -- efeito e obra dos bichos daninhos. E eis que, inesperadamente e apesar de todas as cautelas, se metem comigo, se põem a roer-me na obra e na sinceridade e intenção que ponho nela. Fala-se a meu propósito, sem as letras do meu nome, mas sobre as palavras exatas dos meus escritos, em "abuso de confiança", em "má-fé", em "indignidade e leviandade", em proceder "grosseira e ilegítimamente", e isto, parece incrível, nas colunas da Seara. Outros companheiros têm levado já a sua ferradela, embora com menos fúria e peçonha. Enfim, sou mordido e insultado, sob o olhar benévolo e imparcial do meu velho amigo Dr. Câmara Reys, porque num comentário sobre certa insincera atitude política e moral de Antero, que arrisquei num livrinho publicado já há sete anos -- onde isso vai! --, me permiti dizer que ela era indigna "daquela coerente e inalterável seriedade que transparece em toda a sua correspondência". Olha o pecado! No escrito em que sou mordido, chega a insinuar-se que na pegada do maléfico Teófilo, e -- é agora a moda -- quem sabe se por ordem do Geral dos Jesuítas, ou de qualquer outro Geral, pois isso não importa, eu iniciei, com

Em casa de Dr. Câmara Reys:

Pontado

Corps 10